

www.jornaldocomercio.com.br

R\$ 3,00

JORNAL DO COMERCIO

UNDADO EM 1º DE OUTUBRO DE 1827
NO CLXXVII - Nº 165

1ª edição

DOMINGO, 18, E SEGUNDA-FEIRA, 19 DE ABRIL DE 2004

do Rio de Janeiro

JORNAL DO COMERCIO

pg. A3

SELIC

Na contramão de todas as previsões

DANIELA PIZZOLATO

Não há um consenso absoluto de que a trajetória dos juros no Brasil é de queda. Para o administrador e engenheiro Marcelo Henriques de Brito, criador do índice HdB (iHdB), a taxa básica de juros do País, a Selic, reduzida a 16% ao ano na última quarta-feira, deverá subir até o final de 2004. A medida da elevação, ele não se arrisca a dizer. A concretização da esperada alta dos juros nos Estados Unidos tende a dar um gás a essa perspectiva, na opinião de Henriques de Brito.

Ele indica o uso do iHdB aos investidores para avaliar o cenário macroeconômico, antes de decidir pela aplicação. "É complicado uma queda abrupta das taxas de juros. Alguns analistas falam até de Selic em 13% no final do ano, mas os números (percebidos no gráfico feito a partir do iHdB) não nos deixam perceber isso", diz.

— O melhor investimento neste ano é apostar em aplicações que se beneficiariam da alta da taxa de juros, como fundos DI e mercados futuros na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F). Com o índice, percebe-se o movimento macro para orientar os investimentos — diz Henriques de Brito.

No cenário macroeconômico, ele percebe a tendência de aumento da desvalorização cambial, com a queda da Selic. "A desvalorização pode gerar fuga de capitais. Esse movimento será agravado caso a taxa de juros americanas suba. A inflação não é o problema do Brasil. O problema é divi-

sas, e juros servem não para a inflação, mas para captar divisas", diz o administrador, observando que essa mesma lógica serve para os Estados Unidos, que têm um gigantesco déficit fiscal.

Atrativo

Juros altos — e o Brasil possui um dos maiores juros reais do mundo — são um atrativo para o capital especulativo, na busca de elevados rendimentos. O País mantém a taxa básica alta justamente por ser dependente de capital externo. Reduzir as alíquotas para depósitos compulsórios seria uma saída para aumentar a liquidez no mercado interno sem mexer nos juros, observa Henriques de Brito. "O compulsório pode ser reduzido porque a inflação ainda não é uma ameaça. Para o investidor brasileiro, juro real de 10% é exorbitante."

O iHdB, índice que tem o sobrenome do seu criador, é obtido pela razão entre a taxa de juros externa e doméstica vezes a razão entre tributos dos países vezes a variação cambial. Ele pode ter outras versões, sendo calculado pela variação percentual ou pela relação preço e lucro de ações. "Parto do pressuposto que os EUA são referência para os investidores. Quando o índice é maior do que zero significa que foi melhor investir no exterior do que nos EUA. Quando é menor do que zero, é melhor investir nos EUA", explicou Henriques de Brito, que desenvolve suas teorias no livro "Crise e Prosperidade Comercial, Financeira e Política".